

Funai nega que caciques xavantes estejam em pé de guerra contra invasores

Brasília (Sucursal) — A Fundação Nacional do Índio desmentiu ontem que caciques xavantes tenham ido à capital federal para se declarar em pé de guerra e atacar os invasores de suas terras. Na verdade, disse um diretor do órgão, o problema gira em torno do nome de um rio delimitador.

Para a Funai o que houve foi o seguinte: o chefe do posto indígena de Areões, Sr. José Carlos Alves, esteve em Brasília para esclarecer o que se passa com a delimitação da área, feita em setembro por decreto presidencial, pois, o rio Borecaia — um dos limites da reserva — é conhecido na região por Riacho Seco, o que dá margens a dúvidas.

Cooperação

Um dos diretores da Funai salientou que os grandes fazendeiros da região costumam cooperar para resolver problemas de terras na área dos xavantes.

— Quem geralmente cria problemas são posseiros e peões, ressaltou.

Explicou então que um desses fazendeiros esteve recentemente no posto indígena do Areões para esclarecer a dúvida sobre o rio Borecaia, que delimita a reserva dos xavantes.

— Os índios — afirmou o diretor da Funai — ficaram inquietos com a possibilidade de estar-se cometendo um equívoco na delimitação de suas terras e, para resolver o problema, a Funai enviará até eles o antropólogo Hélio Rocha, que é velho amigo dos xavantes de Areões os quais, inclusive, lhe deram o cocar e título de Guerreiro Xavante.

O Sr. Hélio Rocha partirá segunda-feira. Ontem mostrava-se muito animado na

Funai, pois acha que será mais uma oportunidade de rever os amigos indígenas que tem naquela tribo. Anteriormente, foi destacado pela Funai para por termo a um desentendimento ocorrido entre esses índios e outra tribo Xavante que habita a região de São Marcos.

Hélio Rocha considerou inverossímil a versão de que centenas de guerreiros xavantes estariam pintados com tintas de guerra porque a reserva dos Areões só é habitada por 200 silvícolas.

Além dos Areões, o Governo delimitou por decreto, em setembro passado, as reservas de Sangradouro (600 silvícolas), Pimentel Barbosa (400), Couto Magalhães (250), e São Marcos (800).

Os Xavantes foram pacificados pelo sertanista Francisco Meireles em meados da década de 50. E até hoje, ele é muito respeitado por esses índios.

Situação em Mato Grosso entre branco e indígena é tensa há mais de 20 anos

São Paulo (Sucursal) — Tensão forte e a ameaça de conflito entre xavantes e fazendeiros em Mato Grosso é o clima de uma situação que já perdura há mais de 20 anos e que a assinatura de um decreto, ano passado, garantindo a posse da terra a esses índios, através da legitimação de suas reservas, não conseguiu solucionar apesar da suposta boa-vontade entre as partes.

Agora, novamente pintados para a guerra, assim como o sertanista Francisco Meireles os encontrou em 1946, os altivos e orgulhosos xavantes, consanguíneos dos tímidos gaiapós, estão dispostos, apesar da fome e miséria que vai tornando a tribo decadente, a agitar os sertões de Mato Grosso prometendo expulsar a bala os invasores que sempre cobiçaram as suas férteis terras.

Identificação

Em essência, o problema dos xavantes com as suas terras é bastante semelhante ao dos sioux-oglala, norte-americanos. No primeiro caso, não ocorreu nenhuma violação de tratado entre Governo e índios porque, simplesmente, nunca existiram compromissos dessa natureza entre ambos, a não ser a assinatura de um decreto, no ano passado, em nível presidencial, que asseguraria, finalmente, o direito de posse sobre as terras pelos xavantes.

Pacificados (nesse caso o termo é exato, pois os índios eram bastantes hostis aos que se aventuravam por suas terras) em 1946 pelo sertanista Francisco (Chico) Meireles, no decurso da expedição Roncador-Xingu, os orgulhosos xavantes podem ser considerados sem qualquer exagero, mesmo após a tentativa de integração, como os mais autênticos índios brasileiros, segundo opinião do próprio Chico Meireles e de outros experimentados sertanistas.

Donos de vocação inata para o combate, apesar de haverem substituído o arco e a flecha pela carabina, esses índios são também considerados como exímios atiradores. Conservam com rigor os seus costumes e recusam-se sistematicamente a cortar os seus longos cabelos, mesmo quando solicitados pelos padres salesia-

nos, que administram algumas de suas aldeias em Mato Grosso.

Segundo Chico Meireles, os xavantes, embora muito leais, são de extrema ferocidade quando em combate. E o sertanista fez referência à morte de Pimentel Barbosa, antes da pacificação, massacrado por centenas de golpes de borduna e flechadas.

Desde que os encontrou, em 1946, o conseguiu pacificá-los, Chico Meireles havia prometido aos xavantes garantir o seu direito de posse sobre as áreas habitadas pela tribo. Na ocasião, revela ainda o sertanista, Apoena, o mais famoso de todos os caciques, que ainda vive em São Marcos, fez um discurso verdadeiramente dramático em que colocava em dúvida a boa vontade dos civilizados, mas, assim mesmo, procuraria confiar. A promessa é cobrada a Chico Meireles até hoje, que há muitos anos não visita aquelas aldeias. Os índios, facilmente emocionáveis, contaram ao repórter, em lágrimas, que estavam com muita saudade do papai Meireles, e que ele deveria vir vê-los, pois os brancos estavam tomando conta de suas terras. Meireles, até hoje, não voltou lá e afirma que "não tem condições morais" para mais nada prometer aos xavantes.

Miséria e orgulho

Habitando as reservas de Sangradouro, Pimentel Barbosa, São Marcos, Areões e Couto Magalhães, os índios xavantes somam hoje menos de 2 mil pessoas entre homens, mulheres e crianças.

Sua principal aldeia, Areões, às margens do rio das Mortes e próximo à cidade de Xavantina, se compara a uma favela urbana e fazer com que se caia num irremediável lugar comum.

A situação, naquele lugar, torna-se verdadeiramente paradoxal: os índios ocupam terras de solo fértil, sempre cobiçadas por fazendeiros de Goiás e Mato Grosso e, ao mesmo tempo, por não terem, mesmo quase todos os índios brasileiros, vocação para a agricultura, passam fome, porque a caça é praticamente inexistente, afugentada pela presença maciça do colono e pelas patas do boi que,

pouco a pouco, vai expulsando o índio.

Apesar do espírito conciliador do velho cacique Apoena, que prefere um acordo à declaração de guerra, os jovens da tribo, principalmente, estão dispostos a não permitir, seja pela violência, que o branco continue a usurpar o seu direito de posse à terra, um verdadeiro *utis possidetis*.

Em Areões, foco de maior tensão, onde diversas propriedades de fazendeiros foram incendiadas no ano passado e os colonos intimidados por guerreiros armados com carabinas, os xavantes são liderados por dois caciques de grande prestígio entre os jovens: Saam-re e Bruno. Este último é o chefe guerreiro, que já afirmou diversas vezes não tojerar a invasão. Foi ele quem, no ano passado, comandou os guerreiros durante as ações de represália.